



Recebido 1 abr. 2014

Aceito 2 abr. 2014

A RETÓRICA COMO ANTÍSTROFE DA DIALÉTICA EM ARISTÓTELES

*Paulo Afonso Linhares**

“*Guerre à la rhétorique et paix à la gramatique*”. (Victor Hugo) ¹

“Arte infeliz, “Retórica” chamada,/ ensino tuas leis, mas não as creio;
/ ou nunca ergueste fogo em peito alheio, / ou tu já hoje estás
degenerada”. (Nicolau Tolentino) ²

“... a verbiagem oca, inútil e vã, a retórica, ora técnica, ora pomposa...”. (Manoel Bomfim) ³

“... a lei moral é a primeira e a última de todas, aquela pela qual cada uma das outras se fortifica e completa. É por isso que, com razão, os antigos faziam da virtude a condição essencial da eloquência, definindo o orador como um *uir bonus dicendi peritus*”. (Bourdaloüe) ⁴

1 INTRODUÇÃO

O escopo do presente estudo é fazer um paralelo entre duas das grandes categorias que compõem o sistema de pensamento de Aristóteles, tendo como pano de fundo a reflexão

* Doutor em Direito (Área de Concentração em Direito Público - Linha de Pesquisa em Neoconstitucionalismo: Direitos fundamentais, justiça e processo constitucional) pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2010). Mestre em Direito (Direito e Desenvolvimento) pela Universidade Federal do Ceará (1998). Bacharel em Direito pela Universidade de Brasília (1978). Professor adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Diretor adjunto e articulista do Jornal GAZETA DO OESTE. Diretor-Presidente - Rádio Difusora de Mossoró S.A. Advogado militante.

¹ “Guerra à retórica e paz à gramática.” Victor HUGO (*in Les contemplations*. Paris : Societé Webnet.Fr, 1996/2004).

² TOLENTINO, Nicolau (1740-1811). *Sátiras*. In Edição crítica et traduction des sonnets de Nicolau Tolentino de Almeida. » Thèse de 3e cycle, Études Ibériques, dactylographiée, 2 vols, UPV, 1971. 441 pp.

³ BOMFIM, Manoel. *A América Latina. Males de origem*. Rio de Janeiro : Topbooks, 1993, pp. 170-171.

⁴ PROFILLET, A. *La rétorique de Bourdaloue*. Paris : Belin, 1864, *apud* Manuel Alexandre Júnior, *Retórica*, de Aristóteles, introdução e notas. 2 ed. Lisboa : Imprensa Nacional- Casa da Moeda , 2005.

que o filósofo estagirita enceta na sua polémica obra *Retórica*, que não chega a ser das mais importantes de sua produção intelectual, embora lhe caiba o destacado papel de ter sido ele o primeiro *rhétor* a estabelecer as bases doutrinárias da retórica, inclusive, para, do ponto de vista formal, transportar para o campo retórico da argumentação as teses, ademais de dar ênfase às dimensões heurística e política da retórica, com inequívoca redução no valor daprova ética e emocional. A maior contribuição de Aristóteles, com a *Retórica*, foi a inovação que introduziu no pensamento grego ao dar especial destaque ao argumento lógico como eixo da arte da persuasão.

A *Retórica* é uma obra que impõe ao leitor uma enorme disciplina e redobrada atenção para sua leitura, dados nos tantos aspectos polêmicos que envolvem o tema, desde os sofistas, que foram os “inventores” da retórica, até os dias atuais, inclusive uma natureza imprecisa, várias definições e uma complexa relação com a dialética, a partir mesmo da própria visão de Aristóteles que, na *Retórica*,⁵ em um momento, apresenta ambas como correlativas (1354a), para em seguida dizer que se assemelham (1355b) e passos adiante, finalmente, para dizer que “a retórica é, de facto, uma parte da dialéctica e a ela se assemelha” (1356a). É uma leitura que opõe muitos desafios teóricos-exegéticos que se vinculam de um modo geral à feição diacrônica do pensamento aristotélico. Claro, Aristóteles, usando de parcimônia, deixa de utilizar formalmente as categorias de gênero e espécie, de modo que quando afirma que retórica e dialética se assemelham, quer demarcar bem que elas não podem ser uma mesma coisa, isto porque a primeira tem elementos *sui generis*, que não pertencem à dialética, como a emoção e o efeito persuasivo do caráter.⁶

Ora, se o próprio Aristóteles evita precisar gênero e espécie, quando se refere à retórica, aos seus epígonos não é aconselhável fazer certas afirmações, a exemplo de Émile Boutroux (1845-1921), estudioso da obra aristotélica, *maître de conférence* na École Normale Supérieure e professor da Sorbonne, que numa pequena obra intitulada *Aristote*, publicada no século XIX e traduzida para o português na sua quarta edição, de 1925 (Boutroux, 2000, p. 127), afirma que a retórica é uma ciência, algo que o próprio Aristóteles não afirma, mesmo porque, em que pesem as objeções do seu mestre Platão, no repúdio (herdado de Sócrates) à retórica – que à *logografia* fulcrada no verossímil e na adulação, contrapôs uma *psicagogia* voltada à apreensão do verdadeiro método dialético – ele pretendia inseri-la mesmo no seio da

⁵ A edição em língua portuguesa utilizada neste estudo é a referida na nota anterior. Nas citações textuais será mantida a grafia original utilizada em Portugal. O número citado entre parêntesis refere-se ao local em que se encontra o trecho da obra citado ou apenas mencionado.

⁶ Cf. nota 27.

própria Filosofia, posição esta posteriormente esposada por Cícero, no mundo romano, ele que, também foi um grande orador (*rhetorico*) e um teórico (*rhétor*) da retórica.

Com efeito, além de ser “a outra face” ou parte da dialética, a retórica é tida por alguns como ciência, por outros como arte e ainda como técnica (no sentido de “arte”, em grego antigo: *techné* = *τέχνη*), esta bem mais próxima da concepção do próprio Aristóteles, porquanto o nome original da obra aqui estudada é *Techné retoriké* (*τέχνη ρητορική*), isto sem falar na concepção de Chaïm Perelman, para quem a retórica nada mais é que “uma arma da dialética”, ou na do Grupo μ de Liège, que a tem como “um instrumento da poética”. Há ainda alguns contemporâneos, como é o caso de Roland Barthes, que concebe a retórica como uma máquina devoradora de fatos e raciocínios, para afinal transformá-los em discursos: “Na ‘máquina’ retórica o que se põe no início, emergindo apenas de uma afasia nativa são materiais brutos de raciocínio, fatos..., o que se forma no fim é um discurso estruturado completo...” (PLEBE/EMANUELE, 2002, p.1).

Vista exclusivamente sob esse ângulo, decerto que a retórica se apequena para assumir aquela dimensão que lhe deram os sofistas, de ser apenas uma arte do engôdo, dos malabarismos verbais, dos discursos que não tinham a verdade como fim último, mas a simples ânsia de vencer a contenda verbal, que estão da raiz das ásperas objeções que Platão faz à retórica no diálogo *Fedro*. Claro, foram Sócrates e Platão que enfrentaram mais diretamente os embates com os sofistas, que ensinavam a retórica como parte da filosofia, sobretudo, lutaram contra a posição de Isócrates, o maior dos retóricos gregos, que via a retórica identificada com o pensamento, denominando-a como *philosophia*. Ressalte-se que esses embates contra os sofistas, especialmente partindo de Platão, eram condimentados com outras questões relativas à política ateniense. Não foi por acaso a enorme derrota de Sócrates e de seus discípulos, inclusive Platão, que o fez beber a cicuta. Na acusação formulada por três cidadãos atenienses, Meleto (poeta), Ânito (comerciante) e Lícon (advogado), representando as forças hostis e surdas que não toleravam mais os argumentos invencíveis e a fina ironia do filósofo Sócrates, havia dois crimes: “corromper a juventude” e “introduzir novos deuses na cidade.” Ao que tudo indica, a retórica de seus desafetos decerto foi bem mais eficaz, quando lhe impôs condenação à pena capital. Ainda, no século IV a.C., acusada da prática dos mesmos crimes, hediondos para o mundo grego, a bela cortesã Frinéia teve mais sorte, absolvida que foi por artes do seu hábil advogado, Hiperides, que a despiu em pleno Areópago, para o espanto dos juízes-cidadãos, os Heliastes que, vencidos e

deslumbrados, alternativa não tiveram senão a de absolver a loira Mnezarete, aliás, episódio que inspirou conhecido poema do parnasiano Bilac, o *Julgamento de Frinéia*⁷

Por seu turno, Aristóteles, tipicamente um *meteco* – que era o estrangeiro domiciliado em cidade grega – em não sendo ateniense, não detinha as preocupações de Platão com os destinos da *polis*, nem com a reforma das instituições políticas nela existentes. Assim, por não participar das contendas políticas locais, em especial contra os sofistas, não apenas percebeu a importância da retórica como decerto colocou-a no merecido lugar: Nem no inferno que lhe reservaram Sócrates, Platão e muitos outros inimigos da retórica, alguns até nos dias atuais, nem no paraíso em que a colocaram Górgias, Isócrates, Pródaco, Hípias, Trasímaco, Eutidemo, Dionisodoro e outros sofistas menos cotados. Aristóteles dá um enorme salto quando trabalha com categorias que lhe permitem identificar a retórica com a *tópica*, ou a *arte de inventar*, tanto que no segundo livro da Retórica ele trata da invenção de conceitos, dos *tópoi*, enquanto no terceiro livro refere-se à invenção das expressões, da *léxis*, culminando por conceituar a retórica como sendo “a arte de descobrir os meios de persuasão possíveis relativamente qualquer argumento”. A “arte” (*τέχνη*) de que nos fala Aristóteles aparece hoje como algo diferente do conceito contemporâneo de arte, mais se aproximando, repita-se, da noção atual de “técnica”.

Embora sendo quem mais profundamente refutou, mais do que seus mestres Platão e (indiretamente) Sócrates, refutação essa traduzida principalmente na obra *Dos argumentos sofisticos* (*Σοφιστικοί ἐλέγχοι*),⁸ Aristóteles não se rendeu ao preconceito quando resolveu criar a sua doutrina acerca da retórica, como já asseverado antes, uma criação por excelência do pensamento sofista. Vale lembrar que o jovem macedônio, Aristóteles, chegado ao centro cultural do mundo antigo que era Atenas com apenas dezessete anos, para completar seus estudos, viu diante de si dois caminhos: o da escola de Isócrates, cujo projeto de ensino era desenvolver no educando a *aretê* política, a *virtude*, que era a capacitação para viver na *polis*, a partir do aprendizado da arte de “emitir opiniões prováveis sobre coisas úteis”, que não passava do eficiente exercício da arte de persuadir, por oradores que detinham a habilidade de manipular as palavras utilizando técnicas retóricas; e o da Academia, do filósofo Platão que, contrariamente a Isócrates, ensinava que a ação política, como de resto qualquer outra ação, dependeria de uma base científica, geralmente de cunho matemático (no pórtico do edifício da Academia havia um dístico segundo o qual ali só entraria “quem soubesse geometria”), ou seja, para ser correta e responsabilmente cultivada, a ação humana deveria pautar-se pela

⁷ Cf. BILAC, Olavo. *Poesias. Sarças de fogo*. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 1996.

⁸ Cf. ARISTÓTELES. *Dos argumentos sofisticos*. Vol. 1. Col. Os Pensadores. São Paulo : Abril Cultural, 1978.

ciência (*episteme*) baseada na realidade em que estava inserida. Não hesitou em fazer a segunda opção, embora não revelasse pendores para o matematismo tão arraigado da Academia, num momento em que o próprio Platão estava a viajar e a direção da escola ficou a cargo de Eudoxo de Cnido, matemático e astrônomo, que posteriormente apresentou o jovem aluno àquele.

Narra Diógenes Laércio (V, 2), que diante do portento intelectual do jovem discípulo e se sua enorme sede de conhecimento, Platão teria dito: “Aristóteles me tem dado patadas como os potros na mãe que lhes deu à luz”. Todavia, a existência de uma influência platônica em parte da obra aristotélica, transformou-se num altar para exaltação do mestre, de modo que enquanto Aristóteles faz vigorosas refutações das categorias platônicas, revela por Platão um sentimento de gratidão, de fidelidade e de respeito, embora mantendo rigorosamente a sua posição de independência de crítica filosófica. Bem a propósito, na sua *Ética a Nicômaco* (I, 4, 1096 a, 11-6), o próprio Aristóteles demonstra quão penosa lhe é a tarefa de refutar a doutrina platônica das idéias, dada o seu respeito mestre, que a formulou, bem assim pela amizade àqueles que a defendem: “Entretanto, talvez seja melhor, inclusive um dever, para a salvação da verdade, prescindir dos assuntos privados, sobretudo se se é filósofo: a amizade e a verdade são ambas estimáveis, porém, é coisa santa honrar mais a verdade”. Com pouco mais de vinte anos, após ter sua genialidade reconhecida por Platão, ele passa a lecionar retórica na Academia, voltando a sua reflexão para ela, embora a sua obra *Techné Retoriké* somente venha a surgir no fim da vida. Paradoxalmente ele se torna um *rhetor* antes de ser um retórico, contrariando toda a história anterior, em especial a dos sofistas, que eram inicialmente grandes retóricos (oradores), para depois se tornarem retores, ou seja, teóricos da retórica.

A importância dos sistemas de pensamento desenvolvidos por Platão e por seu discípulo Aristóteles, que traduzem dois estilos diferentes de pensar a natureza, pode ser aferida na boutade de Arthur O. Lovejoy,⁹ em que afirma sem exagero que toda a história do

⁹ Arthur O. Lovejoy, historiador e filósofo germano-americano (nasceu em Berlim, 1873 – faleceu nos EUA, em 1962), professor da Johns Hopkins University (de 1910 a 1939), foi o fundador do “Movimento da História das Idéias”, depois elevada à condição de disciplina autônoma, hoje tão em evidência nos diversos ramos do conhecimento, além da revista *Journal of the History of Ideas*, criado por Lovejoy em 1940. Na sua obra mais famosa, *The Great Chain of Being*, publicada em 1936, ele examinou a idéia, derivada do filósofo neoplatônico Plotino, que parte de Aristóteles e Platão, de que toda criação forma uma cadeia. Essa cadeia inclui tudo aquilo que poderia existir, possivelmente começando com a idéia de Deus e desenrolando uma série infinita de formas, cada uma das quais compartilha um atributo, pelo menos com seu vizinho na cadeia. Lovejoy localiza essa idéia por cerca de dois mil anos da história intelectual e demonstra sua influência em pensamento ocidental. O livro e a revista podem ser considerados os marcos iniciais da criação da disciplina ou subárea de conhecimento chamada hoje de história das idéias ou história intelectual. (Ver José Murilo de Carvalho, *História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura*, em <http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/topoi1a3.pdf>).

pensamento ocidental se resume a algumas notas de rodapé a Platão e Aristóteles. O primeiro foi o grande crítico da retórica, enquanto o segundo foi o seu maior sistematizador, situando-se suas diferenças na justa distância que separa o mecanicismo clássico platônico do indeterminismo moderno aristotélicas.¹⁰

Embora não seja uma tarefa fácil, a fiel compreensão dessa obra de Aristóteles serve para resolver uma série de questões em vários campos do conhecimento, que vai da estilística, passando pela teoria da linguagem e chegando aos avançados estudos acerca da argumentação. Claro que a retórica é vista em muitos setores de forma pejorativa, como algo fronteiriço ao engodo, à malandragem, ao malabarismo vazio das palavras, à falsa afetação estilística, à substituição das idéias por medíocres expedientes lingüísticos, pechas que ganhou a partir da metade do século XVIII, projetando-se por duzentos anos à frente, até metade do século XX, quando se iniciou a reabilitação da retórica, sempre e a partir do caminho traçado por Aristóteles na sua emblemática e ainda muito incompreendida *Techné Retorikê*, que suscita muitas dúvidas e apaixonados debates, com a mesma força que mostrava nos séculos III e IV a.C. Nos duzentos anos de desprestígio que enfrentou na Europa, paradoxalmente nasceu a concepção moderna da retórica, a partir da edição dos tratados retóricos da Dumarsais e Fontanier (séculos XVIII e XIX), em que passa a ser fundamentalmente uma arte da expressão literária convencionalizada, enquanto que na França, Itália e Alemanha, ela gradativamente se transmuda em teoria da prosa literária e, finalmente, no Reino Unido a sua sobrevida se deu graças ao papel destacado que teve a psicologia no empirismo de Bacon, Locke e Hume, ademais da relevância que teve, também, a filosofia escocesa do bom senso (PERELMAN, 1979, pp.3-4). Claro que nessas acepções em muito se distanciou do veio aristotélico, embora certamente tenha sido como táticas de sobrevivência no hostilíssimo ambiente da Idade Média européia, sob a hegemonia da Igreja Católica romana, em que o pensamento grego, sobretudo, de Platão e Aristóteles, passavam pelos filtros da filosofia patrística, cujo principal expoente foi Santo Agostinho (354-430) e a filosofia escolástica, liderada por Santo Tomás de Aquino. Muito de Platão chegou até nós graças Santo Agostinho que, aliás, foi oficialmente professor de retórica em Milão, antes de converter-se ao catolicismo e ser ordenado sacerdote (391) e consagrado bispo e Hipona; um tanto do legado enorme de Aristóteles chegou aos dias de hoje pelo gênio de Santo Tomás de Aquino, apesar de todas as objeções que se possa fazer à velha escolástica.

¹⁰ Ver CARVALHO, Olavo. *Apologia de Émile Boutroux* (Int.). BOUTROUX, Émile. *Op. cit.*, p.8.

No pensamento contemporâneo, além da retórica ser considerada “arma da dialética” (Perelman) ou “um instrumento da poética” (Grupo μ de Liège), fato é que cada vez mais os seus estudos de voltam para a fonte aristotélica: “E a ‘virada retórica’ nos dias atuais, que assume a retórica como um sistema de análise, tem muito a ver com seus resultados práticos, especialmente no que concerne ao direito e ao estudo das decisões judiciais” (Adeodato, 2002, pp.263-264 – grifos acrescentados), posição esta que estabelece um grau bem acentuado de aproximação das concepções de Aristóteles. Inegável que as investigações de Chaïm Perelman, sobrelevando a Teoria da Argumentação, por mais críticas que possa merecer o seu trabalho, deu um grande impulso à retomada contemporânea dos estudos da *Retórica* de Aristóteles. Doutra parte, na sua obra *Retórica Antiga*, o já citado Roland Barthes, a par de negar à retórica o status de ciência ou mesmo de arte, assevera ser ela uma “protociência”, que deve ser entendida apenas como sendo a retórica “uma ciência preliminar às ciências humanas”, ademais de ser, também, “preliminar da filosofia, porque lhe prepara o material de categorias; preliminar à lógica, porque estuda as formas mais gerais de raciocínio, de que as rigorosas formas da lógica constituem uma parte; preliminar à estética, porque lhe fornece as técnicas inventivas específicas da elocução” (PLEBE/EMANUELE, 1992, p. 7). Enfim, parece que a compreensão do pensamento hodierno é a de que a retórica é chave para abrir muitas portas, para o bem ou para o mal, embora a verdadeira retórica somente possa ser compreendida na dimensão ética da busca da verdade.

Utiliza este estudo, como base maior, o texto da *Retórica*, de Aristóteles, edição em língua portuguesa do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2005, este estudo pretende lançar alguma luz na discussão em que se contrapõem retórica-dialética ou retórica-filosofia, objeto das tantas discussões travadas entre Sócrates e Platão contra os sofistas Górgias e Isócrates, justo porque ainda são questões irresolvidas, dezessete séculos depois! Claro, excluindo-se o enorme legado do genial filósofo de Estagira. A presente abordagem parte da perspectiva de que a *Retórica*, de Aristóteles, deve ser lida sob a ótica da *inventio*, da invenção de conceitos, por nos parecer ser esta a mais autêntica e veraz para se retomar, nos dias atuais, o caminho traçado pelo genial filósofo e inigualável *rhetor*.

Ao lado de algumas questões já levantadas nesta introdução, é de mister estabelecer os precisos contornos da retórica, para em seguida confrontá-la com a dialética, inclusive, com a avivamentação da antiga rivalidade existente entre retórica, dialética e filosofia. Por fim, embora reconhecendo que técnicas retóricas ainda hoje são largamente utilizadas para ilaquear a boa-fé das pessoas, em muitas áreas da atividade humana, sendo as mais

perniciosas as que encorpam certos discursos político-partidários – que fariam corar qualquer sofista empedernido -, de determinadas seitas religiosas que operam exclusivamente a partir da exploração da ignorância alheia e de publicidade de bens e serviços cujas qualidades são artificialmente aumentadas, ainda assim há de se olhar a retórica a área do conhecimento que estuda os meios de persuasão que compõem o discurso consentâneo com a verdade e como sendo o modo útil e necessário à verbalização humana, que se conforma “ao pensamento na interpretação e na veiculação da mensagem” (ALEXANDRE JÚNIOR, 2005, p.27). Uma retórica como expressão da vida humana, que sirva ao desiderato do aprimorar o conhecimento sobre os meios de persuasão, conformados na verdade, tão imprescindíveis à convivência nas sociedades democráticas.

Por fim, a construção do título deste estudo, em que a retórica é colocada como antístrofe da dialética, posto que expresse a discussão aqui travada, não chega a ser original, em vista ter sido utilizada pelo próprio Aristóteles – *E retoriké estin antístrophos te dialektikê* - (1354a, 1/2), quando utiliza essa expressão tirada da arte teatral, a *antístrofe*, para “significar senão a cumplicidade formal comum aos âmbitos retórico e dialético”, de modo que o “proceder retórico não se mescla propriamente ao processo metodológico de outras ciências, porém todas se constroem a partir de formas destacadas em discurso para a enunciação e o debate das idéias epistêmicas” (BITTAR, 2003, p. 1291).

2 AS DEFINIÇÕES DE RETÓRICA E SUAS DIFERENÇAS FACE À DIALÉTICA: O SILOGISMO E O ENTIMEMA.

O grande mérito da obra geral de Aristóteles é o seu rigoroso comportamento analítico, no qual transparecia um grande apego à definição das inúmeras categorias com que trabalha, isto certamente fruto do seu pendor pela observação e classificação dos seres biológicos, ele que descendia de uma família de esculápios (seu pai, Nicômaco, era médico do rei Felipe, da Macedônia), e contrário ao matematismo reinante na Academia de Platão, que o recebera ainda adolescente. A sua *Retórica* não foge à regra, embora, como á sabido, seja um texto difícil, vazado em linguagem densa e permeada de elipses, o que a torna muito difícil de interpretação e, sobretudo, de ser transmitida com clareza.

No entanto, extrair uma definição de retórica é uma empreitada ingente, a começar pela circunstância de que jamais se pode falar numa “retórica clássica” porquanto jamais houve uma sistema uniforme que a congregasse num corpo de categorias comuns. Partindo da

oratória, sobretudo a religiosa e a fúnebre, antecedente e berço da retórica, Córax e Tísias de Siracusa, no século IV a.C., escreveram o primeiro manual de retórica, marcadamente sintagmático, enfatizando as partições do discurso, em especial aquela que enfeixava uma conclusão (*dispositio*). Foram sucedidos por Górgias, para quem o orador seria um *psicagogo*, alguém que guiava as almas após encantá-las com as palavras, porém, numa perspectiva de discurso erudito, de rigoroso tratamento estético, com uma valorização do estilo e da composição como formadores da *elocutio*. Embora duramente atacado por Platão, Górgias de Lentini (Sicília), que viveu 109 anos, teve inúmeros seguidores de seu pensamento que se traduzia em três teses fundamentais, concatenadas entre si: 1) Nada existe; 2) Se algo existe não é cognoscível pelo homem; e, 3) Ainda que possa ser algo cognoscível, é incomunicável aos demais homens. Depois, aparece a *Retórica* de Aristóteles, como sistematização rigorosa e própria dessa “arte”, embora sem lograr o êxito de impor um só sistema retórico, apesar de que as obras que surgiram após, principalmente no mundo romano, elaboradas por Cícero (*De inuentione; De oratore*) e por Quintiliano (*Institutio oratoria*), porém, sendo o tratado de retórica mais antigo em língua latina o *Rhetorica ad Herennium*, obra anônima de 84/83 a.C., ora atribuída a Cícero ora a Cornifício. O ciclo da retórica clássica se fecha praticamente com Hermágoras de Temnos, que viveu no século II.

Paradoxalmente, Platão e seu desafeto Górgias, na esteira de Córax e Tísias, têm uma mesma definição de retórica, como sendo “geradora de persuasão” (πειθοῦς ζημιουργός). Por seu turno, Aristóteles, não acreditava que a retórica fosse diretamente a geradora da persuasão, mas, segundo seu pensar, apenas parecia ser capaz de descobrir os meios de persuasão acerca de determinado assunto (ἡ δὲ ἐπιρητορικὴ περὶ τοῦ δοθέντος ὡς εἰπεῖν δοκεῖ δύνασθαι θεωρεῖν τὸ πιθανόν). Na definição atribuída a Hermágoras de Temnos, seria a retórica apenas a capacidade de falar bem a respeito de assuntos públicos. Finalmente, o estóico Quintiliano, grande difusor da retórica no mundo latino, esta nada mais era que a ciência de bem falar (*scientia bene dicendi*). Essas diferenças são fortes indicativos de que são formulações que traduzem distintas preocupações, acerca da natureza e do objetivo da retórica e seu conteúdo ético.

Claro, das definições de retórica do período clássico, se salva honrosamente a de Aristóteles, porquanto mesmo com as expansões com que chegou aos nossos dias, inclusive com seu prestígio restaurado, em grande parte graças ao trabalho de Perelman, repita-se, a sua definição não se tornou defasada. Os “meios de persuasão” são argumentos que, por seu turno, nada mais são do que

(...) tentativas de sustentar certos pontos de vista com razões. Neste sentido, os argumentos não são inúteis; na verdade, são essenciais (...) em primeiro lugar, porque constituem uma forma de tentarmos descobrir quais os melhores pontos de vista. Nem todos os pontos de vista são iguais. Algumas conclusões podem ser defendidas com boas razões e outras com razões menos boas (...) Os argumentos também são essenciais por outra razão. Uma vez chegados a uma conclusão baseada em boas razões, os argumentos são a forma pela qual a explicamos e *defendemos*. (WESTON, 2005, pp. 13/14).

A retórica clássica, teorizada pelos latinos, teria três partes: a *inventio*, a *dispositio* e a *elocutio*. A argumentação é identificada por Perelman com a antiga teoria da *inventio*, embora essa posição seja vigorosamente combatida pelo Grupo de Liège, que apenas vê utilidade na elocução (*elocutio*)¹¹ que, na verdade, se confunde com a própria retórica, identificando-a com a noção de “texto”. Em suma, a retórica nada mais seria do que uma espécie de ciência do texto, cuja característica principal seria a diferenciação da linguagem ordinária (PLEBE/EMANUELE, *op. cit.*, p. 3), embora a postura desse grupo de estudiosos da retórica não contorne alguns óbices importantes, sobretudo, porque ela não apenas serve ao propósito de ser um meio de diferenciação e alteração da linguagem ordinária. Se a elocução adapta palavras e expressões à necessidade da invenção, esta constitui o marco inicial e o objetivo maior da retórica. Esta “retórica da invenção”, defendida por Armando Plebe e Pietro Emanuele, se contraporia à “retórica da execução”, de Perelman e do Grupo de Liège, seja, no primeiro caso, a que cuide de realizar convencimentos, seja, no segundo, apenas a tentativa de realizar figurações.

Aliás, críticas acerbas são feitas ao aristotelismo de Perelman, *soi-disant* um neo-aristotélico, pela circunstância de que identifica de modo automático a retórica com a dialética, coisa que o próprio Aristóteles não fez, limitando-se apenas a mostrá-las como categorias. Aristóteles faz um engenhoso jogo de palavras quando afirma que a retórica é uma atividade paralela à dialética, o que não indica jamais que esta seria uma espécie daquela, ou vice-versa. Claro, não deixa Aristóteles de sobrelevar o papel da lógica e sua relação com a retórica, o que decerto serve para estabelecer uma diferença basilar entre a retórica e dialética: enquanto a primeira se ocupe de questões particulares, a segunda trata daquelas de cunho universal (KENNEDY, 1991, p. 39).

¹¹ Na *Rhetorica ad Herennium* a elocução nada mais é que uma adaptação de palavras e expressões à necessidade da invenção (*verborum et sententiarum ad inventionem accomodatio*). Cf. Plebe/Emanuele, *op. cit.*, p. 4.

Para Aristóteles, as pessoas comumente questionam e sustentam um argumento, como na dialética, defendem-se e acusam, como na retórica, embora essas práticas não sejam objetos de uma reflexão, quando muito traduzem meros hábitos. Entretanto, o ideal é que agissem de acordo com um método estruturado a partir do estudo de como são bem sucedidas tanto as pessoas que agem espontaneamente, quanto mesmo aquelas que agem por hábito. Esse estudo seria “tarefa de uma arte” (1354a), que se ocupa dos “argumentos retóricos”. A forma dedutiva de argumentação retórica, que tem no paradigma sua forma indutiva, é um silogismo retórico ou *entimema*. O entimema, que é uma espécie de silogismo – a dialética cuida dos silogismos em todas as suas variantes, o que explica a proximidade desta com a retórica – funciona com demonstração retórica, sendo “a mais decisiva de todas as provas por persuasão” (1355a). A prova por persuasão nada mais é que uma demonstração, porquanto há persuasão quando a pessoa entende que algo está demonstrado, demonstração esta que, em retórica, se faz através dos entimemas. Na verdade, muito séculos após Aristóteles, os estudiosos de sua *Retórica* passaram a entender o entimema como sendo um silogismo abreviado, no qual não está expressa uma das premissas, geralmente a maior, *p. ex.*, “Sócrates é mortal porque é homem” ou, em ordem inversa, “Se Sócrates é homem é mortal”. Nestes casos, resta implícita a premissa maior “todos os homens são mortais”. Em suma, quando se enuncia um entimema, parte-se do pressuposto de que em já sendo conhecida e aceita uma premissa do silogismo, geralmente a maior, pode ser ela omitida.

O objetivo, ensina Aristóteles, é que o entimema seja expresso com bem menos premissas que o silogismo primário, dialético, cuja expressão plena implica na existência de premissa maior, premissa menor e conclusão; no entimema, uma dessas premissas pode ser suprimida. Isto dá uma pista importante para uma outra distinção entre retórica e dialética. Como a linha de raciocínio expressa em silogismo é mais extensa e de difícil compreensão pelas pessoas simples (segundo George Kennedy, na obra já citada, a prova da dialética deriva da opinião geral, da maioria ou dos sábios, de modo que para uma proposição ser tida como dialética, é de mister seja aceita pelos sábios e não pareça indigna de credibilidade às pessoas comuns), se faz imprescindível um instrumento mais expedito, simplificado e persuasivamente eficaz de expor argumentos, que é o entimema.

Destarte, tendo os seus silogismos simplificados pela não enunciação de uma das premissas e, portanto, sendo de mais fácil compreensão por parte das pessoas em geral, a retórica não perde por isto o seu caráter verdadeiro e de ser digna dos próprios deuses, como quer Platão (*FEDRO*, 273e). E a dialética, como a retórica, também trata da persuasão a partir de demonstrações, porém, utiliza silogismos mais extensos que, embora não possam ser tido

como incríveis pelas pessoas comuns, são mais próprios de acolhimento pelos sábios, ou seja, podem não ser tão eficazes para veicular um discurso político ou um discurso de defesa, acusação ou decisão do juiz, contrariamente do que acontece com a retórica é adequada a esses espaços, com seus silogismos *tout court*, os entimemas, e opera três tipos de discursos: o deliberativo, o judicial ou o epidítico.

Embora não seja o foco de sua análise a questão ética que permeia a retórica aristotélica e passava ao largo nos tratados retóricos dos sofistas, é importante lembrar que após asseverar que os entimemas deveriam ser capazes de veicular argumentos persuasivos sobre coisas contrárias, a exemplo dos silogismos, diz que “não se deve persuadir o que é imoral” (1355a), tudo para que não o se perca a real estado da questão em discussão e para que habilite a pessoa a argumentar eficazmente em face de um discurso contra a justiça. Para Aristóteles, somente a dialética e a retórica se ocupam das contradições e são capazes de obter conclusões acerca de contrários através de silogismos, o que evidencia a semelhança que há entre ambas, sendo que a utilidade da retórica está no discernimento dos meios de persuasão que mais se adequam a cada caso, não sendo a sua função persuadir, como não é função da medicina dar saúde ao doente, mas descobrir os meios de sua cura, contrariamente do que pensavam o próprio Platão, Górgias e os seguidores deste. Por outro lado, do mesmo modo que na dialética há o silogismo verdadeiro e o silogismo aparente, ou falso, “o que faz a sofística não é a capacidade mas a intenção” e conclui que “um será retórico por conhecimento e outro por intenção, ao passo que, na dialética, um será sofista por intenção e outro dialético, não por intenção, mas por capacidade” (1355b).

Esta classificação de Aristóteles, embora hermética, tem a ver com a dimensão ética referida anteriormente, no tocante ao uso tanto da dialética quanto da retórica. Para ele, na dialética que utiliza corretamente a faculdade é um “dialético”; quem faz dela um uso desviado da intenção é um “sofista”. Todavia, no domínio da retórica, os que dela fazem uso correto e incorreto têm um mesmo nome, que é *rhétor*, retórico, apesar da necessidade de distingui-los: um é *rhétor por ciência* (equivalente ao dialético) e o outro um *rhétor por intenção* (que equivale ao sofista), de modo que é na intenção moral do orador que reside o prejuízo da retórica e não apenas na faculdade oratória, como erroneamente defendia a crítica platônica, segundo elucida Quintín Racionero.¹² Assim, em palavras mais simples, O objetivo, ensina Aristóteles, é que o entimema seja expresso com bem menos premissas que o

¹² Cf. Aristóteles, *Retórica*, Madrid : Gredos, 1990, p. 173.

silogismo primário, dialético, cuja expressão plena implica na existência de premissa maior, premissa menor e conclusão; no entimema, uma dessas premissas pode ser suprimida.

3 A ANTIGA RIVALIDADE ENTRE RETÓRICA, DIALÉTICA E FILOSOFIA

Ao entender a retórica como apenas sendo capaz de descobrir os meios de persuasão acerca de determinado assunto (*ἡ δὲ εἰς ῥητορικὴν περὶ τοῦ δοθέντος ὡς εἰπεῖν δοκεῖ δύνασθαι θεωρεῖν τὸ πιθανόν*), delimitou o campo de atuação do *rhétor* e o seu objeto de estudo, de tal modo que “está-se a falar de uma teoria acerca do que seja adequado em cada caso para a tarefa do convencimento” (Bittar, 2003, p. 1297), ademais de o estudo da retórica não corresponder a qualquer dos gêneros científicos conhecidos. Permeia todas as ciências sem, contudo, operar com nenhum dos elementos inseridos em alguma dessas ciências (*epistemáí*), embora tenha o seu próprio objeto (capacidade de descobrir os meios de persuasão acerca de determinado assunto) bem delimitado. Por isto é que talvez lhe caia bem a conceituação de Barthes, já citada, de que seja uma “protociência”. A retórica é teoricamente autônoma, na medida em que nenhuma ciência tem como objeto a descoberta dos meios persuasivos sobre determinados assuntos, ademais da especial circunstância de que o *rhétor* cuida com provas e não de conceitos, tendo o seu raciocínio como base o silogismo retórico, o entimema. Deste modo, o que mantém a retórica afastada das ciências, faz com que se aproxime tão perigosamente da dialética, que chega a induzir em erro até lúcidos pensadores, que vêem ambas como de mesma identidade, como quer Perelman, e não apenas assemelhadas, como defende o próprio Aristóteles.

Com efeito, em, que pese a semelhança com a dialética, a retórica em o seu espaço perfeitamente delimitado e certo em torno de um objeto que lhe dá autonomia, não como *epistéme*, mas com o *tchné* (BITTAR, 2003). Essa delimitação, aliás, começou antes de Aristóteles, na época em que se travou acirrado embate entre Sócrates, que defendia a dialética, Platão, que defendia a filosofia, e Górgias, que defendia a retórica. Os historiadores da idéias delimitam esses embates – além do aparecimento explícito, no pensamento ocidental, da filosofia, da dialética e da retórica - entre os anos 427 a.C. e 387 a.C. O ano 427 a.C. tanto teria marcado pelo nascimento de Platão (alguns autores trazem o ano 428 a.C.), quanto pela chegada a Atenas do retórico Górgias, que já contava cinquenta anos, enquanto Sócrates, nascido provavelmente em 469 ou 470 a.C., já contava mais de quarenta anos. O ápice desse embate, que iria conformar definitivamente o pensamento ocidental, se deu no ano

387 a.C., quando o filósofo Platão já estavam com quarenta anos, seu opositor Górgias já era um ancião, com a avançada idade de noventa anos e Sócrates já havia morrido há cerca de doze anos, com a publicação do seu diálogo denominado *Górgias*, em que atacava com muita dureza o retórico e, de um modo geral, a própria retórica, opondo a filosofia a esta. Aliás, nenhum dos escritos de Platão traz tanta agressividade quanto esse diálogo que, segundo Nietzsche, transpareceu a inveja suscitada pelo belíssimo e decantado *Elogio de Helena*, escrito vinte e sete anos antes por Górgias. Claro que as desavenças entre pensadores não devem servir de explicação para um problema que trespassou séculos, chegando aos dias atuais.

Como se viu, ao invés dos cultores dessas áreas do conhecimento, naquele quarentenário em que elas ganharam autonomia, buscar uma fixação de suas identidades, procuraram o caminho do confronto, inclusive com uma “aliança” entre filósofos e dialéticos contra retóricos, que durou até a chegada de Aristóteles a Atenas. Toda essa refrega não conseguiu afastar uma verdade palmar, de que a filosofia, a dialética e a retórica atuam num mesmo campo e empregam categorias assemelhadas, resumindo-se nos seguintes os seus pontos comuns, aqui genericamente considerados: propõem problemas de caráter geral, que são sustentados através de teses e estas discutidas para que possa ser demonstrada a sua validade.

As diferenças entre retórica e filosofia, todavia, foram mais fáceis de ser estabelecidas, a partir de um paradigma fácil de ser entendido: a retórica está para a filosofia, assim como um esporte competitivo (“agonístico”) está para um esporte meramente recreativo. Na retórica é imprescindível o sucesso, o êxito, a vitória do argumento, donde exsurge o seu cunho de competitividade, ao passo em que a filosofia trabalha com critérios dissociados da idéia de competição, a exemplo das dicotomias falso-verdadeiro, bom-mau, bem-mal etc., embora a filosofia, ainda naquele período, se haja contaminado com a competitividade da retórica, refletindo essa agressividade inclusive nos embates entre escolas de diferentes pensamentos filosóficos, projetando-se aos dias atuais. O ponto em comum entre filosofia e retórica é que ambas é “o fato de ambas serem aventuras eminentemente individuais, infensas a qualquer colaboração de grupo”(PLEBE/EMANUELE, *op.cit.*, p. 11), contrariamente da dialética que surge como atividade eminentemente coletiva, de colaboração, nem sempre voltada à competição, porém, quando isto ocorre, a competição se refere a todo grupo, de modo que a derrota é sempre compartilhada pelo derrotado e o grupo que o apoia.

O argumento de Platão na sua polêmica com Górgias, em defesa da filosofia e contra a retórica, situava-se na pressuposição de ser possível um pensamento verdadeiro, a despeito de não ser eficaz, justo por não ser a filosofia comprometida com o resultado, com o êxito do argumento, “agonística”. Numa posição intermediária se situava a dialética defendida por Sócrates, que tinha como hábito as discussões públicas, na qual envolvia seus discípulos igualmente contra seus opositores, o que demonstra o caráter coletivo da dialética, como dito anteriormente. A dialética, porém, a exemplo da filosofia, elege critérios objetivos que a afastam da idéia de competição, embora entenda, contrariamente à filosofia, que não é essencial à formulação de conceitos. Certo é que o divórcio entre a filosofia e a retórica, plasmado no agressivo texto de Platão no seu *Górgias*, teve conseqüências extremamente danosas para a retórica que, apesar dos esforços de Aristóteles transfigurados na sua inextinguível *Teché Retorikê*, foi e até os dias atuais alvo de muitos rancores e vítima da ignorância de tantos. Aliás, quando alguns aspectos do presente estudo eram objeto de pesquisa na Internet, pode-se colher na página inicial do *site* do provedor Uol (www.uol.com.br) a seguinte manchete: “*Presidente quer mais ação e menos retórica*”. Claro nessa frase, sente-se, que continuam bem vívida a polêmica Platão-Górgias, na qual, aliás, não apenas foi vítima apenas a retórica, mas, o próprio filósofo Górgias e os sofistas, seus seguidores, que, apesar da contribuição que deram ao pensamento ocidental, passam a ser vistos como verdadeiros vilões, tanto que Diógenes Laércio, que escreveu a célebre obra *Vida dos filósofos*, em que traça o perfil de oitenta e dois cultores da filosofia na antiguidade clássica, alguns até absolutamente insignificantes, praticamente “esqueceu” o velho Górgias. Nos séculos seguintes a história não foi diferente, embora nos últimos tempos haja movimentos que visem um resgate do legado dos sofistas, a exemplo da grande contribuição de Isócrates, hoje considerando por alguns estudiosos da retórica, como o maior dos retóricos gregos.

Parece ser da natureza da retórica esse apego à competitividade, desde os primórdios aos dias atuais, o que marca indelevelmente o estilo retórico, merecendo destaque um asserto de Quintiliano, no oitavo livro de sua *De institutione oratoria*, quando, ao distinguir a retórica da história, diz que se a tarefa dos historiadores de fazer narrativas é importante que “nós, retóricos, estejamos sempre em pé de guerra” (*nos rhetores armatos stare in acie*), no que é secundado por seu discípulo, Plínio, o Jovem, que diz caracterizar a retórica um “*stilus pugnax*”, um “estilo combativo.”

Na dialética o processo é bem diferente, na medida em que os opostos colaboram para superação do antagonismo, forjando uma situação nova em que concorram elementos de

todos os opositores. O “estilo combativo” da retórica, de Górgias aos dias atuais, sendo esta uma atividade solitária de cada indivíduo, tem explicação decerto na necessidade intrínseca de estimular à criatividade, na formulação dos conteúdos em cada situação, possibilitando, assim, a invenção de conceitos, a partir da problematização temática e da busca de suas soluções. Quando a retórica se afasta do azimute da *inventio* perde sua força criadora, fica como fogo que nada queima ou ácido que nada corrói.

A construção de uma retórica renovada, com um maior alargamento do legado aristotélico passa pelo reconhecimento de sua autonomia e da sua capacidade de fugir dos vícios letais do formalismo, utilizado a arte de inventar – que há de ser prioritária nesse processo - como ferramenta imprescindível para conferir-lhe a mesma importância atual do estilo filosófico e do estilo dialético, pondo fim ao estigma que a persegue por mais de dois milênios.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

I – É absolutamente falsa e contrária à posição de Aristóteles, na *Techné Retorikê*, a afirmação de uma suposta identidade entre retórica e dialética; elas podem até ter enormes semelhanças, sobretudo pelo uso comum de argumentos em forma de silogismos, porém, o silogismo retórico, chamado *entimema*, é uma simplificação do silogismo primário, próprio da dialética, de modo que uma diferença basilar entre a retórica e dialética pode ser estabelecida: enquanto a primeira se ocupa de questões particulares, a segunda trata daquelas de cunho universal, como sugere o pensador George Kennedy (*op. cit.*, 1991, p. 39).

II – A enunciação de um entimema tem como pressuposto de que, em sendo conhecida e aceita uma premissa do silogismo, geralmente a maior, pode ser ela omitida, sendo ele consectário dessa ablação de um dos elementos silogísticos, que permanece subentendida, porquanto o objetivo dessa operação, segundo o próprio Aristóteles, é de que o entimema seja expresso com menos premissas que o silogismo primário, dialético, cuja expressão plena implica na existência de premissa maior, premissa menor e conclusão; no entimema, uma dessas premissas pode ser suprimida.

III - A retórica deve ser entendida como a área do conhecimento que estuda os meios de persuasão que compõem o discurso consentâneo com a verdade e como sendo o modo útil e necessário à verbalização humana, conformando-se ao pensamento na interpretação e na veiculação da mensagem, de modo que se construa uma retórica como expressão da vida

humana, que sirva ao desiderato do aprimorar o conhecimento sobre os meios de persuasão, conformados na verdade, tão imprescindíveis à convivência nas sociedades democráticas.

IV – Quando Aristóteles, contradizendo a própria posição de Platão e dos sofistas (que tinha a retórica como mera “geradora de persuasão”), acreditava que a retórica fosse a arte capaz de descobrir os meios de persuasão acerca de determinado assunto, demarcou definitivamente o campo de atuação do *rhétor* e o seu objeto de estudo.

V - O estudo da retórica não corresponde a qualquer dos gêneros científicos conhecidos, de modo que, nada obstante permeie todas as ciências, não operar com nenhum dos elementos inseridos em alguma dessas ciências, ademais de ter o seu próprio objeto (*capacidade de descobrir os meios de persuasão acerca de determinado assunto*) perfeitamente delimitado.

VI – Do ponto de vista teórico, a retórica é autônoma, mesmo porque nenhuma ciência tem como objeto *a descoberta dos meios persuasivos sobre determinados assuntos*, ademais da especial circunstância de caber ao *rhétor* cuidar de provas e não de conceitos, tendo o seu raciocínio como base o silogismo retórico, o entimema.

VII – São mais simples as diferenças entre retórica e filosofia: a retórica está para a filosofia, assim como um esporte competitivo (“agonístico”) está para um esporte meramente recreativo, sendo imprescindível o sucesso, o êxito, a vitória do argumento, para a primeira, enquanto que a segunda utiliza critérios que não trazem uma idéia de competição (falso-verdadeiro, bom-mau, bem-mal etc.), sendo o traço de união entre filosofia e retórica o fato de ambas serem frutos de empreitadas individuais, sem qualquer apelo à idéia de coletividade, enquanto que a dialética já surgiu como atividade necessariamente coletiva, em que a colaboração mesmo entre contrários é imprescindível à superação das contradições e construção de uma nova perspectiva a partir dos elementos em confronto.

VIII – É natural o apego à competitividade que caracteriza a retórica, o seu “*stilus pugnax*”, estilo combativo sendo esta uma atividade solitária de cada indivíduo, explica-se pela necessidade intrínseca de estimular à criatividade conteudística, nas mais diversas situações, abrindo-se a possibilidade da invenção de conceitos, a partir da problematização temática e da busca de suas soluções, sendo a *inventio* imprescindível para manutenção da força criadora da retórica.

REFERÊNCIAS

ADEODATO, João Maurício. **Ética e retórica**: para uma teoria da dogmática jurídica. São Paulo: Saraiva, 2002.

_____. **Filosofia do direito**: uma crítica à verdade na ética e na ciência. São Paulo: Saraiva, 1996.

ARISTÓTELES. **Retórica**, Manuel (Prefácio, introdução e de Manuel Alexandre Júnior), 2.ed. Lisboa : Imprensa Nacional - Casa da Moeda , 2005.

_____. **Tópicos**; Dos Argumentos sofísticos. (sel. tex. de José Américo Motta Pessanha). São Paulo : Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores)

BARTHES, Roland. *Retórica antiga*. In: **Pesquisas de Retórica**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BERGSON, Henri. **Cursos sobre a filosofia gregas**. Trad. De Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BITTAR, Eduardo C. B. **Curso de filosofia aristotélica** – leitura e interpretação do pensamento aristotélico. Barueri/SP: Manole., 2003.

BOUTROUX, Émile. **Aristóteles**. São Paulo : Record, 2000. (Rev. téc., int. e notas de Olavo de Carvalho)

DURANT, Will, **História da Filosofia** - A Vida e as Idéias dos Grandes Filósofos. São Paulo: Editora Nacional, 1926.

KENNEDY, George. **Aristotle on Rhetoric**: A Theory of Civic Discourse. New York: Oxford University Press, 1991.

MONTEIRO, Cláudia Servilha. **Teoria da argumentação jurídica e nova retórica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lúmen Juris, 2003.

PADOVANI, Umberto; CASTAGNOLA, Luís. **História da Filosofia**. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

PEREIRA, Oswaldo Porchat. **Ciência e dialética em Aristóteles**. São Paulo: UNESP, 2001. (Coleção Biblioteca de Filosofia)

PERELMAN, Chaïm. **L'empire rhétorique. Rhétorique et argumentacion**, Paris: Vrin, 1977.

_____. **The New Rhetoric and the Humanities**. Essay on Rhetoric and his Applications, London : Reidel, 1979.

_____. **Lógica jurídica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo : Abril Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores)

_____. **Defesa de Sócrates**. São Paulo : Abril Cultural, 1972. vol. II, (Coleção Os Pensadores)

PLEBE, Armando; EMANUELE, Pietro. **Manual de Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SCHWARZ, Alf. **As ilusões de racionalidade na concepção de projetos de desenvolvimento** – O processo de planejamento como uma sucessão de escolhas cegas. Maceió: PRODEMA/UFAL.

VERGEZ, André/ HUISMAN, Denis. **História da Filosofia Ilustrada pelos Textos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1980.

WESTON, Anthony. **A arte de argumentar**. Trad. e apêndices de Desidério Murcho. 2. ed. Lisboa : Gradiva, 2005.